

Novembro 2025

# CARTA MENSAL



**BNP PARIBAS**  
**ASSET MANAGEMENT**

O investidor  
sustentável para um  
mundo em mudança



- Gilberto Kfour Jr. -

CIO BNP Paribas Asset Management Brasil

// Caros leitores,  
É com grande satisfação que apresentamos a edição deste mês da nossa Carta Mensal. Neste documento nossa equipe de gestão compartilha sua visão sobre os principais acontecimentos do mercado e suas perspectivas diante de um mundo em mudança.  
Agradecemos pela confiança depositada em nosso trabalho e esperamos que essa carta contribua para sua compreensão do atual cenário de investimentos.

Atenciosamente,

Gilberto Kfour Jr.  
Chief Investment Officer  
BNP Paribas Asset Management Brasil

//



# ECONOMIA



- Andressa Castro -

Economista-chefe

// PARA 2026, DOIS FATORES SERÃO DETERMINANTES PARA A CONDUÇÃO DA POLÍTICA MONETÁRIA NORTE-AMERICANA: A NOMEAÇÃO DO NOVO PRESIDENTE DO FEDERAL RESERVE, QUE SUBSTITUIRÁ JEROME POWELL A PARTIR DE MAIO, E OS IMPACTOS DO IMPULSO FISCAL SOBRE A DEMANDA E, CONSEQUENTEMENTE, SOBRE A INFLAÇÃO. //

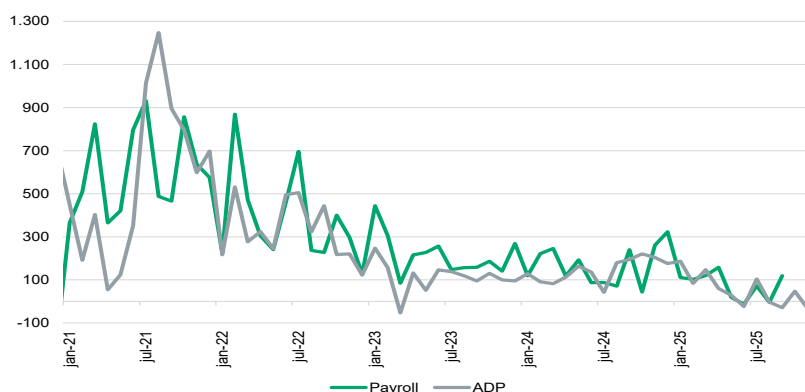
## ECONOMIA INTERNACIONAL

Em novembro, os principais ativos do mercado internacional apresentaram comportamento sem uma dinâmica definida, com o dólar permanecendo praticamente estável frente às demais moedas (conforme o índice DXY), interrompendo o movimento de valorização observado em outubro. O índice S&P 500 registrou uma correção, mas já recuperou quase integralmente essa variação. As taxas de juros dos títulos do Tesouro norte-americano, apesar da elevada volatilidade, mantiveram-se praticamente inalteradas nos últimos três meses. Essa baixa correlação entre os ativos reflete a incerteza quanto aos principais temas macroeconômicos que influenciam os mercados globais, como o término do "shutdown" do governo dos Estados Unidos, as perspectivas para os próximos passos da política monetária do Federal Reserve (Fed) - incluindo a nomeação do novo presidente- e os impactos da adoção da Inteligência Artificial sobre a produtividade e o mercado de trabalho norte-americano.

No âmbito da política monetária, o Fed enfrenta a difícil tarefa de equilibrar os dois objetivos de seu mandato. De um lado, a inflação segue pressionada, refletindo os efeitos das tarifas de importação, o que demandaria uma postura mais conservadora na definição da taxa de juros. Contudo, persiste a dúvida quanto à duração desse impacto das tarifas sobre os preços. De outro lado, o mercado de trabalho apresenta sinais relevantes de enfraquecimento, com redução da oferta de trabalhadores em razão da limitação da imigração, além da diminuição da demanda por mão de obra, evidenciada pela menor quantidade de contratações. Esse arrefecimento levou o Fed a reduzir o grau de restrição da política monetária e, a partir de agora, o mercado busca estimar qual seria o espaço remanescente para cortes adicionais na taxa de juros. Curiosamente, esse enfraquecimento da criação de emprego não tem sido acompanhado por um aumento significativo das demissões, o que permite ao Fed adotar uma postura cautelosa quanto à necessidade de novos corte

### Gráfico 01

EUA: Dados Mercado de Trabalho (mil)

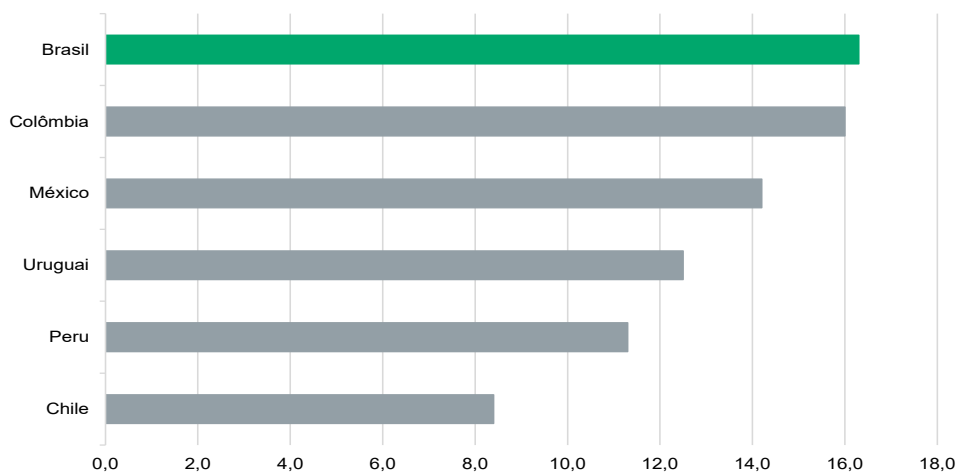


Fonte: Bureau of Labor Statistics e ADP Research. Elaboração: BNPP AM Brasil. Atualizado em novembro/2025.

Para 2026, dois fatores serão determinantes para a condução da política monetária norte-americana: a nomeação do novo presidente do Fed, que substituirá Jerome Powell a partir de maio, e os impactos do impulso fiscal sobre a demanda e, conseqüentemente, sobre a inflação. No campo fiscal, a estimativa do impacto sobre o PIB decorrente do One Big Beautiful Bill Act (OBBA) é de 0,9 ponto percentual, segundo cálculos do Congressional Budget Office (CBO). Esse estímulo poderá exercer pressão adicional sobre a inflação, somando-se aos efeitos das tarifas. Além de fomentar a demanda, o pacote eleva o risco fiscal, concentrando o aumento do déficit nos primeiros anos e prevendo ajustes apenas no futuro, cuja efetivação é considerada pouco provável.

Esse conjunto de fatores torna o cenário incerto tanto para as taxas de juros norte-americanas e globais quanto para o desempenho do dólar. Após a expressiva desvalorização ao longo de 2025, os investidores questionam qual seria o espaço para uma nova queda da moeda para o ano que vem. Nesse último mês, observou-se uma continuidade do desempenho positivo das moedas latino-americanas, sobretudo do real.

### Gráfico 02 Moedas Latam (Retorno Spot, Acumulado no Ano em %)



Fonte: Bloomberg. Elaboração: BNPP AM Brasil. Atualizado em novembro/2025.

## ECONOMIA BRASILEIRA

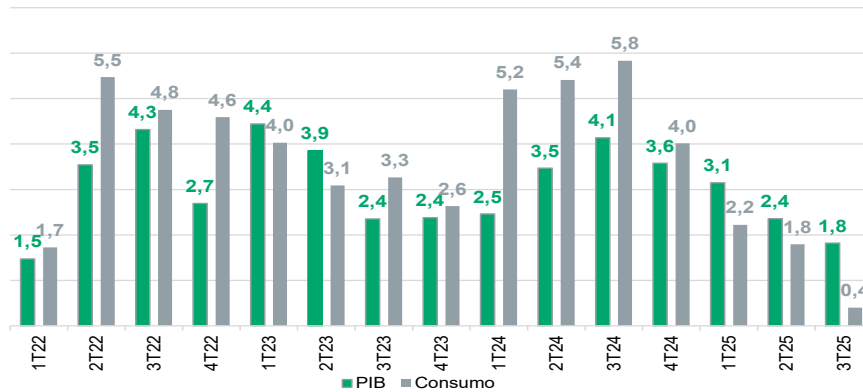
De fato, o dólar manteve trajetória favorável frente ao real em novembro e no início de dezembro, cotando-se abaixo de R\$ 5,35. Paralelamente, o Ibovespa apresentou desempenho excepcional, encerrando novembro com ganhos de 6,37%, enquanto as taxas de juros reforçaram o movimento de queda, refletindo a expectativa do mercado quanto ao início iminente do ciclo de cortes. À medida que os últimos indicadores econômicos foram divulgados, aumentou a convicção do mercado sobre a redução da taxa básica no primeiro trimestre de 2026. Ao mesmo tempo, o Banco Central tem sustentado um discurso conservador, inibindo apostas mais agressivas e reforçando sua credibilidade.

Sob a ótica macroeconômica, os dados recentes de atividade corroboram a percepção de desaceleração da economia brasileira. O PIB recuou de um crescimento de 2,4% em termos anuais no segundo trimestre para 1,8% no terceiro trimestre. Parte dessa redução decorreu do consumo, que passou de 1,8% para 0,4% no mesmo período, refletindo menor dinamismo da demanda. Além disso, indicadores relacionados aos fatores de produção, como o nível de utilização da capacidade instalada da indústria (medido pela FGV) e a população ocupada (ajustada sazonalmente), apresentaram retração nas últimas leituras. Adicionalmente, segundo nossos estudos, setores ligados ao comércio enfrentam uma baixa demanda por trabalho

// À MEDIDA QUE OS ÚLTIMOS INDICADORES ECONÔMICOS FORAM DIVULGADOS, AUMENTOU A CONVICÇÃO DO MERCADO SOBRE A REDUÇÃO DA TAXA BÁSICA NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2026. //

### Gráfico 03

PIB (Variação Anual, %)



Fonte: IBGE. Elaboração: BNPP AM Brasil. Atualizado em novembro/2025.

Ainda assim, a desaceleração ocorre de forma gradual, e a economia continua demonstrando sinais de resiliência. Calculamos que pouco dessa melhora foi repassada para a inflação, que, por sua vez, vem se reduzindo em resposta à valorização cambial, especialmente pela queda dos preços das commodities em reais. Para o próximo ano, espera-se que a inflação mantenha a tendência de arrefecimento, sustentada tanto pelos efeitos do câmbio quanto pelo enfraquecimento da demanda. Esse cenário permitirá ao Banco Central (BC) iniciar o ciclo de cortes no início do ano, retirando parte do aperto monetário atual, mas ainda preservando um nível de restrição, dado que a inflação e as expectativas permanecem acima da meta.

# RENDA FIXA E MULTIMERCADO



- Michael Kusunoki -

Head Renda Fixa & Multimercados

// A REUNIÃO DE DEZEMBRO SERÁ DECISIVA, NÃO PELA MANUTENÇÃO DA SELIC, MAS PELO CONTEÚDO DA COMUNICAÇÃO. SE NÃO HOUVER ALTERAÇÃO, O CORTE TENDE A SER POSTERGADO; SE HOUVER SINALIZAÇÃO, O BC FICARÁ PRATICAMENTE COMPROMETIDO COM A REDUÇÃO NA PRÓXIMA REUNIÃO. //

## O corte em janeiro está em risco?

O BC mantém o discurso conservador em seus comunicados e falas dos membros do Copom. Não houve intensificação, mas a manutenção da mensagem de necessidade de Selic elevada por período prolongado, somada à proximidade da reunião de janeiro, reduz a confiança do corte no início do ano. É preciso uma mudança de discurso em dezembro, uma espécie de iniciação da manobra de corte. Caso contrário, o BC enfrentará barreiras para derrubar a taxa no curto prazo.

A reunião de dezembro será decisiva, não pela manutenção da Selic, mas pelo conteúdo da comunicação. Se não houver alteração, o corte tende a ser postergado; se houver sinalização, o BC ficará praticamente comprometido com a redução na próxima reunião. Qual a chave para esse dilema? A rigor, o BC deve buscar o centro da meta de inflação, de 3%. A última ata trouxe projeção de 3,30%, ou seja, 0,30% acima do *target*. Como o BC atua ex-post, não faz apostas, espera confirmação para agir.

## Credibilidade e Comunicação

Política monetária não é apenas técnica. É preciso equilibrar custo (atividade menor) e benefício (inflação controlada). Credibilidade não significa postura excessivamente *hawkish*, mas sim uma função de reação clara e comunicação eficaz, que ancore expectativas.

Essa é a missão do presidente Galípolo: construir credenciais enquanto aumenta a probabilidade de inflação na meta. Porém, cresce também o risco de arrocho econômico, que pode levar a cortes exagerados no futuro — erro recorrente em ciclos anteriores.

Em suma, um BC crível opera com equilíbrio, considerando *lags* e incertezas. Conservadorismo é adequado diante da inflação acima da meta, mas prolongá-lo além do necessário aumenta o risco de correções abruptas depois, prejudicando a credibilidade.

Mantemos confiança de que as condições para o corte surgirão no início de 2026. Contudo, reconhecemos probabilidade crescente de início em março, ajustando parcialmente posições aplicadas em juro nominal. O ciclo total pode superar os 300 bps atualmente precificados, mas permanece sujeito a elevada incerteza.

# CRÉDITO PRIVADO



- Henri Rysman  
de Lockerente -

Head de Crédito Privado

// NO SEGMENTO DE PAPÉIS NÃO ISENTOS ATRELADOS AO CDI, OBSERVAMOS UMA ESTABILIDADE NO MÊS DE NOVEMBRO, APÓS A ABERTURA DE SPREAD RELEVANTE NO SEGMENTO *HIGH YIELD* EM OUTUBRO. //

O mercado de crédito mostra os primeiros sinais de desaceleração, com os fundos de crédito privado registrando uma captação líquida negativa de 1,7 bi em novembro, interrompendo o ciclo de captações positivas desde o mês de maio 2025. As emissões no mercado primário recuaram também, registrando R\$ 77bi em títulos de crédito, com o percentual distribuído de 31%, um piso histórico. Emissões em andamento também reduziram para 85,7 bi (*versus* 115,6 bi no mês anterior). O mercado secundário manteve o crescimento recente dos últimos meses, e atingiu o seu maior valor da série histórica, somando R\$ 132,7 bi.

No segmento de papéis não isentos atrelados ao CDI, observamos uma estabilidade no mês de novembro, após a abertura de spread relevante no segmento *high yield* em outubro. No mercado IPCA isento, após a abertura relevante de 40bps no mês de outubro, observamos uma acomodação nos níveis de -25bps para os papéis mais *high grade*.

Para as nossas carteiras de crédito privado que investem primordialmente em ativos indexados ao CDI, continuamos as alocações em ativos com prazo até 36 meses, de forma muito seletiva, e com atuação maior no mercado secundário. Setorialmente, continuamos dando preferência a alocação em títulos de crédito bancário, devido a redução do diferencial de prêmio de risco entre ativos bancários e ativos corporativos. Seguimos estrategicamente cautelosos e atuando de modo mais conservador em decorrência da desaceleração do mercado de crédito e dos níveis de spreads ainda em patamares historicamente baixos.

Na nossa estratégia de infraestrutura, a alocação em risco IPCA está próxima dos 90%. O prazo médio da carteira é superior ao IMA-B5 em função da maior alocação em títulos no meio da curva, de 2026 até 2030. Acreditamos que os ativos indexados à inflação com uma *duration* intermediária oferecerão uma ótima oportunidade de diversificação.

# RENDA VARIÁVEL



- Marcos Kawakami -

Head Renda Variável

// AO LONGO DO ÚLTIMO MÊS, O IBOVESPA ALCANÇOU UM RECORDE HISTÓRICO, REFLETINDO A CRESCENTE CONFIANÇA DOS INVESTIDORES ESTRANGEIROS COM RELAÇÃO A POSSÍVEL QUEDA DE JUROS NO ANO QUE VEM. //

Novembro foi um mês marcado por alta volatilidade nos mercados globais, decorrente de diversos fatores, como sinais mais *hawkish* do Fed para a reunião de dezembro, preocupação com o ritmo de investimento em projetos de inteligência artificial (IA) – principalmente em função da incerteza quanto a receita e ao retorno sobre o capital investido (ROIC) – e dúvidas sobre a capacidade de alguns players de IA cumprirem os níveis de Capex anunciados. Além disso, houve uma redução no posicionamento dos CTAs, que diminuíram a exposição comprada em ações norte americanas acumulada ao longo do ano. Consequentemente, o S&P 500 encerrou o mês lateralizado, com alta de 0,13%; o Nasdaq recuou 1,6% e o MSCI World subiu 0,18%.

Nos mercados emergentes, o índice MSCI Emerging Markets fechou o mês com queda de 2,4%, acompanhando a fraqueza dos países mais expostos ao tema de IA (desempenho negativo de Taiwan, Tailândia, China e Coreia do Sul). Em contraste, as economias latino-americanas foram os destaques positivos, impulsionadas principalmente por fluxo de recursos para fundos de mercados emergentes.

O comportamento das commodities foi misto. Os ativos mais sensíveis ao ritmo da atividade econômica global registraram resultados negativos: o barril de petróleo fechou o mês a US \$62,38, queda de 2,4%; o minério de ferro recuou 3,7%, negociado a US \$102,20 por tonelada. Por outro lado, ouro e prata apresentaram recuperação após as perdas no final de outubro, com alta de 6,47% e 16,06%, respectivamente, ao longo de novembro.

Na bolsa local, novembro terminou de forma positiva, impulsionado por três fatores principais:

1. Temporada de resultados do terceiro trimestre de 2025, na qual 53% das empresas do Ibovespa superaram as expectativas de consenso.
2. Expectativa de início de um ciclo de corte de juros no primeiro trimestre de 2026.
3. Entrada de recursos de investidores estrangeiros.

Com isso, o Ibovespa avançou 6,37% e o índice Small Caps da B3 subiu 6,03% no mês, setorialmente podemos destacar a performance dos setores de utilidades básicas e a performance de bancos no mês de novembro

Em termos de fluxo de capitais, novembro registrou entrada de R\$ 2,5 bi em posições de “cash equities”, revertendo a queda observada em outubro e elevando o acumulado do ano para R\$ 27,8 bi. Grande parte desse *inflow* está associado à criação de novas cotas de ETFs focados no Brasil. Analisando apenas o ETF EWZ (principal ETF brasileiro global), foram aplicados US \$1,7 bi ao longo do ano, representando parcela significativa dos recursos estrangeiros que ingressaram na bolsa brasileira, sendo um dos fatores para a forte performance da bolsa brasileira em 2025

Ao longo do último mês, o Ibovespa alcançou um recorde histórico, refletindo a crescente confiança

---

dos investidores estrangeiros com relação a possível queda de juros no ano que vem. Mesmo assim os múltiplos do índice Ibovespa continuam abaixo de patamares vistos em ciclos anteriores. E o principal motivo para isso é uma taxa de desconto ainda elevada. Essa situação abre espaço para que, caso o custo de capital seja reduzido, com discussões eleitorais ou mesmo reformas importantes para o país, o índice possa registrar avanços ainda mais expressivos.

Um dos elementos que naturalmente atrai a atenção dos participantes de mercado é o calendário eleitoral de 2026. Embora, neste momento, não estejamos incorporando explicitamente a probabilidade de diferentes desfechos nas nossas posições, é importante reconhecer que o regime político brasileiro tem historicamente exercido influência significativa sobre o comportamento de ativos de longo prazo, como as ações. E a bolsa, ao ser catalogada como um investimento de "*long duration*". Assim, um cenário eleitoral favorável – com maior previsibilidade de políticas econômicas e maior segurança jurídica – tende a diminuir o prêmio de risco que os investidores exigem, impulsionando o Ibovespa para níveis ainda mais elevados.

Ao analisar a composição do índice, evidencia-se que alguns setores permanecem subavaliados em relação a seus históricos pré-pandemia de 2020. O setor de petróleo, por exemplo, apresenta múltiplos EV/EBITDA consideravelmente baixos, reflexo da alta volatilidade de preços dos combustíveis e da percepção de risco geopolítico ainda em consolidação. De modo similar, mineração e siderurgia também operam com avaliações que não capturam plenamente a recuperação da demanda global por commodities, principalmente depois da fraqueza do setor de construção civil na China.

No caso das utilities, o foco tradicional tem sido a Taxa Interna de Retorno (TIR). Embora as TIRs estejam em patamares absolutos elevados, quando comparadas à renda fixa, tornam-se menos atrativas. O setor bancário apresenta uma dinâmica particular. Enquanto os múltiplos de preço/lucro (P/E) permanecem alinhados ao histórico de longo prazo, há divergências notáveis entre instituições individuais, refletindo diferenças de exposição ao crédito, qualidade de ativos e estratégias de crescimento. Essa heterogeneidade abre margem para análise *bottom up*, permitindo identificar bancos que estejam sub ou sobre avaliados em relação ao seu perfil de risco e ao cenário macroeconômico.

Em suma, o atual ponto elevado do Ibovespa combina fatores que podem tanto sustentar quanto ampliar a alta recente. Por um lado, a robustez dos resultados corporativos, a melhora nas perspectivas de commodities e a expectativa de uma taxa de desconto mais baixa configuram um ambiente propício para a valorização dos múltiplos. Por outro, a incerteza política ligada ao pleito de 2026, ainda que não precificada integralmente, representa um risco que pode gerar volatilidade, sobretudo nos momentos de maior sensibilidade à orientação política.

Diante desse panorama mantemos nossa preferência por uma alocação equilibrada, que privilegie empresas de alta qualidade, com fundamentos sólidos, boa governança e potencial de geração de caixa sustentável. Dentro desse escopo, consideramos atraentes as oportunidades de entrada em setores subavaliados – petróleo, mineração e siderurgia – bem como a seleção criteriosa de bancos que apresentem diferencial de risco/retorno. Paralelamente, acompanharemos de perto a evolução das taxas de juros e da taxa de desconto, pois sua redução poderia catalisar uma nova rodada de valorização para o mercado amplo.

Continuaremos monitorando as variáveis macroeconômicas, os desdobramentos políticos e os indicadores de liquidez, ajustando as carteiras de forma ágil para salvaguardar o nosso portfólio e perseguir os objetivos de longo prazo.

# FUNDO DE FUNDOS



- João Uchoa Borges -

Head Fundo de Fundos

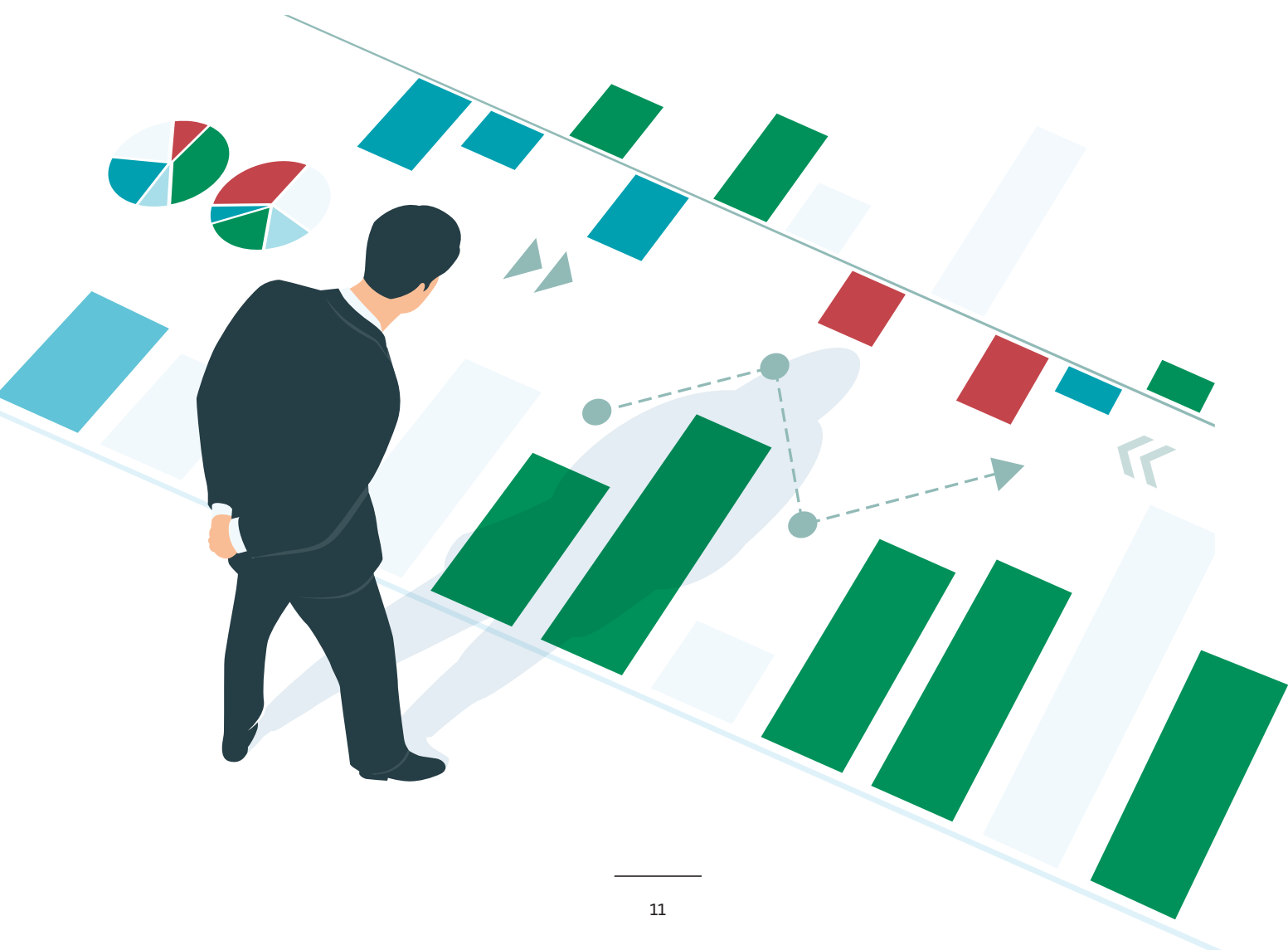
// NO BRASIL, A INFLAÇÃO CONTINUA EM TRAJETÓRIA BAIXISTA, COM REVISÕES SISTEMÁTICAS PARA BAIXO E QUEDA ROBUSTA NOS COMPONENTES DE BENS, ALIMENTAÇÃO E SERVIÇOS MENOS LIGADOS AO MERCADO DE TRABALHO, O QUE TEM REDUZIDO AS EXPECTATIVAS INFLACIONÁRIAS NOS ÚLTIMOS MESES. //

O desempenho dos mercados globais foi marcado por forte volatilidade, em grande parte acompanhada pelo prolongado shutdown nos EUA, que manteve indisponíveis muitos indicadores macroeconômicos. O último relatório de emprego mostrou a taxa de desemprego subindo gradualmente. A adoção acelerada de Inteligência Artificial tem alimentado expectativas de ganhos de produtividade, mas também aumenta a incerteza sobre o impacto futuro sobre a produtividade e a política monetária. Embora o Fed esteja adotando tom mais hawkish depois de reduzir a taxa básica para a faixa de 3,75-4,00%, o mercado incorpora mais cortes com a taxa terminal chegando em torno de 3,1%, próximo ao nível neutro. O S&P 500 fechou o mês com alta marginal de 0,13 %, refletindo a cautela dos investidores frente à combinação de dados limitados, risco regulatório de IA e a possibilidade de novas políticas fiscais e de investimento em tecnologia.

No Brasil, a inflação continua em trajetória baixista, com revisões sistemáticas para baixo e queda robusta nos componentes de bens, alimentação e serviços menos ligados ao mercado de trabalho, o que tem reduzido as expectativas inflacionárias nos últimos meses. O Banco Central mantém a Selic em 15 % há tempo suficiente para gerar um cenário de desaceleração moderada, apreciação cambial e pressão sobre o real, mas já precifica o início do ciclo de cortes no primeiro trimestre de 2026. A conjuntura política, marcada pela aproximação das eleições de 2026 e por questões de segurança pública, acrescenta volatilidade ao câmbio, embora o diferencial de juros ainda se apresente atrativo graças ao elevado juro real. Em síntese, o cenário macroeconômico brasileiro permanece favorável ao início de uma flexibilização monetária, mas a incerteza eleitoral e a necessidade de monitorar a evolução da inflação e da atividade exigem cautela nas decisões de alocação.

# ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
<b>Novembro</b>	1,05%	1,67%	1,43%	2,04%	1,08%	-0,94%	6,37%	6,44%	6,03%
<b>2025</b>	12,94%	17,86%	13,93%	12,82%	10,60%	-13,86%	32,25%	31,89%	35,56%
<b>12 meses</b>	13,98%	15,91%	13,26%	9,87%	10,29%	-11,89%	26,58%	26,11%	24,94%



Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas 'BNP Paribas Brasil', com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. O BNP Paribas Brasil é instituição financeira regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para a distribuição de cotas de fundos de investimentos. A BNP Asset Management Ltda. é a instituição devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários como prestador de serviços de administração de carteiras categoria gestor de carteira.

Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas Brasil não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas Brasil e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas Brasil não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas Brasil. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas Brasil não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

Em janeiro/2025, a Fitch Ratings reafirmou o Rating Qualidade de Gestão de Investimentos da BNP Paribas Asset Management Brasil Ltda. ("BNPP AM Brasil") para "Excelente". A Perspectiva do Rating é Estável. A reafirmação do rating 'Excelente' da BNPP AM Brasil reflete a opinião da Fitch de que a gestora tem capacidade de investimento e características operacionais fortes. Os Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos seguem uma escala Global e são atribuídos em escala descritiva de cinco graus que vão de "Excelente" até "Fraco". Os ratings mais elevados - 'Excelente' e 'Forte' - são aplicados a gestores de recursos que atendam ou excedam os padrões tipicamente aplicados pelos investidores institucionais nos mercados internacionais. A metodologia de Atribuição de Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos da Fitch Ratings foi projetada para sistematicamente capturar, avaliar e reportar os principais atributos da plataforma operacional e de investimentos de um gestor de recursos, focando cinco pilares principais: processo de investimento; recursos de investimento; gestão de riscos; desempenho do investimento; e companhia, incluindo atendimento aos clientes. Para obter informações adicionais sobre a metodologia, acesse o website da agência, 'www.fitchratings.com.br'.

Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone – 0800-7Des15999 ou através do e-mail: [ouvidoria@br.bnpparibas.com](mailto:ouvidoria@br.bnpparibas.com) – O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: [brasil.bnpparibas.com](http://brasil.bnpparibas.com) (Administrador) ou [bnpparibas-am.com/pt-br](http://bnpparibas-am.com/pt-br) (Gestor). MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. Novembro/2025. CP 35.2025

# VIEWPOINT



## BNP PARIBAS ASSET MANAGEMENT

## O investidor sustentável para um mundo em mudança